

CARVALHO, ARMANDO SILVA (2015).

A sombra do mar.

Lisboa: Assírio & Alvim, 99 p.

“A poesia portuguesa é uma praia constantemente batida pelas ondas do mar”: esta metáfora do jornalista Luís Miguel Queirós (2012) traduz bem uma das linhas temáticas mais exploradas pelo cânone lírico nacional. Da poesia galego-portuguesa a Sophia de Mello Breyner, de Camões a Pessoa, muitos são os escritores e poetas para quem o mar foi e é tema, motivo de inspiração, ornamento retórico.

No ano em que celebra meio século de vida literária e depois de ter ganhado, em 2014, o Grande Prémio de Literaturas dst, com a obra *De Amore*, Armando Silva Carvalho publica *A sombra do mar*, com chancela da Assírio & Alvim. Trata-se uma vez mais de um livro de poesia, composto por 54 poemas, que vem confirmar o seu lugar na literatura portuguesa. Autor de uma obra considerável, entre lírica e ficção, Armando Silva Carvalho firma, com este livro recente, a sua *madureza poética*.

Embora a sua escrita dificilmente se compagine com doxas poéticas ou discursos ideológicos datados, é interessante compreender (e sentir) como o poeta explora o mar, esse elemento ancestral e tantas vezes glosado, na coletânea que agora se apresenta, rompendo radicalmente com normas ou tradições. Aliás, os estudiosos da sua obra são praticamente unânimes em reconhecer que este é um traço distintivo da sua poesia: desde o primeiro livro, de 1965 – *Lírica consumível* – até *A sombra do mar*, de que aqui se fala, a obra poética de Armando Silva Carvalho é anti-normativa, radical, fugindo a dominantes de sentido tradicionais e traduzindo uma “afirmação poética de certo modo (...) situada nas margens do que pode ser o perfil dominante da cultura nacional” (Martins 1999: 312).

Nestes textos, o mar não se reduz nem a tema, nem a motivo e muito menos a ornamento retórico. *A sombra do mar* é o outro lado do mar da vida.

A face obscura. A faceta anti-heróica. O não épico. O mar é presença metafórica intensa, personagem que se vai transformando à medida que os textos se sucedem, adquirindo, em cada poema, novos sentidos e tensões: o mar é a água doméstica ou água do duche de *A água* e de *A toalha do banho*; é “terra navegável”; é a praia de “Jazz”; é também mar, mar ele mesmo, o campo de lavra de pescadores de “Ou”. Foi já bem assinalado por exegetas vários, nomeadamente por Joana Matos Frias (Frias 2013), o valor não funcional da metáfora na lírica de Armando Silva Carvalho, o que se confirma neste livro. Aqui a metáfora é estruturante dos textos, é operadora privilegiada de uma razão poética que busca perscrutar a vida e a passagem do tempo, a efemeridade e a doença, a morte e o fim.

Ao longo dos 54 poemas deste livro, assistimos concomitantemente ao desenrolar de uma ‘história’, pela qual o ‘eu’ faz introspeção sobre a vida, o envelhecimento, o quotidiano, o tempo, o real, como fica bem patente se atentarmos na sequência dos primeiros sete textos: do *Introito – à manhã*, passando por *Sem cabeça*, *A água*, *Chuva doméstica*, *A toalha do banho*, *Fruta e pequeno almoço*, até à *Leitura de jornal*. *A sombra do mar* constitui-se como um conjunto de textos líricos mas com feição narrativa, confirmando, aliás, uma tendência identitária da poesia do Autor, sobretudo a partir das publicações pós-Abril, como bem assinala Pedro Serra ao referir a “dicção poética subsumida pela pulsão narrativa” (Serra 2010: 87), uma das características da fenomenologia textual do autor. Sem perderem a indizibilidade poética, os seus textos contam uma história: fragmentos de vida (*Chuva doméstica*), pedaços do quotidiano (*Contabilidade*) objetos anti-líricos, assuntos da agenda mediática (*Os bancos*) preenchem um universo marcadamente intersubjetivo, autorreflexivo mas também crítico e irónico.

Quando, em 2012, o poeta escreveu o texto “A resistência com Bernardo Soares”, para responder a um inquérito feito pelo grupo de investigação Lyra Compoetics a vários poetas nacionais sobre o poder de resistência da poesia, deu testemunho lúcido do “caráter performativo de uma transitividade muito limitada” (Frias 2013: 114) da palavra poética. Porém, a sua palavra poética é palavra de resistência e de engajamento. Não se encerrando num processo de interiorização lírica autocentrada, os textos também nos falam do mundo

exterior, da política, dos dramas sociais e do tempo em que vivem: o poder dos *media*, a “barbárie tecnológica”, a epidemia do ébola, o buzzão de Higgs, etc. Fazem-no, porém, sem cair no esquematismo ideológico ou sem determinismos maniqueístas, garantindo, desse modo, a sua perenidade. Fazem-no, porém, através da ironia e do distanciamento, pelos quais o sujeito poético comenta a realidade individual e coletiva, relacionando esses tópicos a sentidos maiores, a motivos ancestrais da existência e da interrogação filosófica: o tempo, o envelhecimento, a morte – “Se pudesse até de mim me afastava. / O que não deve faltar muito, / segundo as minhas contas” (p. 60).

A qualidade do poeta também se pode aferir pela grandeza dos poetas com quem dialoga e de que se apropria. Armando Silva Carvalho presta, em muitos destes textos, homenagem a grandes nomes da poesia e das letras lusófonas, de António Vieira a Clarice Lispector, de Cesário a Eugénio, não faltando, claro, Pessoa ou Sophia. Com eles, e às vezes contra eles, constrói um caminho em que a poesia é redenção, salvação – como fica bem patente em *Vésperas*, texto que homenageia Eugénio de Andrade – e, afinal, o que fica: “O brilho é sempre o mesmo, mas é apenas delas, / das palavras” (p. 62).

BIBLIOGRAFIA:

- Frias, Joana Matos (2013). “O riso agudo dos cínicos: Desassossego e ironia em Armando Silva Carvalho”, *elyra*, 2, 11-125.
- Martins, Mário Frias (1999). “Recensão crítica à obra poética de Armando Silva Carvalho”, *Colóquio Letras*, 153-154, 311-312.
- Queirós, Luís Miguel (2012). “Um mar de palavras”, *Publico.pt*. Também disponível em <http://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/um-mar-de-palavras-25352011>. Acedido em 30/11/2015.
- Serra, Pedro (2010). “A dureza das coisas e a fusão das letras. Da efabulação poética em Armando Silva Carvalho”, *Colóquio Letras*, 173, 84-94.

ANA TERESA PEIXINHO

apeixinho71@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CEIS20